

Textos escritos por surdos em mensagens no aplicativo *WhatsApp*: organização de sentidos e perspectivas de ensino de português escrito como segunda língua

Texts written by deaf people in messages on the *WhatsApp* application: organization of meaning and perspectives on teaching written Portuguese as a second language



Lucas Vargas Machado da Costa

Universidade Federal do Acre (UFAC), Rio Branco, Acre, Brasil.

lucas.vargas@ufac.br



Vivian Gonçalves Louro Vargas

Universidade Federal do Acre (UFAC), Rio Branco, Acre, Brasil.

vivian.vargas@ufac.br



Shelton Lima de Souza

Universidade Federal do Acre (UFAC), Rio Branco, Acre, Brasil.

shelton.souza@ufac.br

RESUMO

O presente texto trata de um estudo sobre mensagens escritas em português e enviadas pelo aplicativo *WhatsApp* por surdos adultos bilíngues, usuários da língua brasileira de sinais – Libras, como primeira língua (L1) e de língua portuguesa, na modalidade escrita, como segunda língua (L2). A finalidade do trabalho é analisar a produção escrita desses surdos com foco em como estão organizados os sentidos em torno das mensagens, observando as estratégias utilizadas pelos usuários para a construção dos textos. Além disso, busca-se discutir os dados deste estudo aplicados no ensino de português escrito como L2, no sentido de subsidiar o ensino dessa língua a pessoas surdas. Foram selecionados textos de sujeitos surdos com os quais os autores têm constante contato, nos quais são discutidos os mais variados assuntos, englobando questões relacionadas a trabalho, estudo, lazer entre outros. Após a análise do corpus, observaram-se formas específicas de uso do português não preconizadas pelo padrão normativo

escrito dessa língua e interferências estruturais da Libras. Assim, conclui-se que os significados dos textos, embora alguns aspectos configuracionais da escrita não se adequem à norma padrão da língua portuguesa, se constroem para formar sentidos e para expressar compreensão de mundo própria; essa perspectiva, de alguma forma, pode subsidiar o ensino de português escrito como L2 a pessoas surdas.

Palavras-chave: Construção de sentido; escrita de surdos; português como segunda língua; ensino.

ABSTRACT

This text is a study about messages written in Portuguese and sent via the *WhatsApp* application by bilingual deaf adults, users of Brazilian Sign Language – Libras, as their first language (L1) and of the Portuguese language, in the written modality, as second language (L2). The goal of the work is to analyze the written production of these deaf people with a focus on how meaning is organized around the messages, observing the strategies utilized by users for the construction of texts. In addition to that, we seek to discuss the data of this study applied to the teaching of written Portuguese as L2, aiming to subsidize the teaching of this language to deaf people. Texts from deaf individuals with which the authors are in constant contact were selected. In these texts, several different topics are discussed, such as work, study, leisure, and others. After the analysis of the *corpus*, we observed specific forms in the usage of Portuguese, not recommended by the written normative standard of that language, and structural interferences from Libras. Thus, it can be concluded that the meaning of the texts, although some configurational aspects of the written language do not meet the standard norm of Portuguese, are constructed to create meaning and to express a particular understanding of the world; this perspective, in some sense, can subsidize the teaching of written Portuguese as L2 to deaf people.

Keywords: Construction of meaning; Deaf writing; Portuguese as a second language; Teaching.

Submetido em 26 de setembro de 2022.

Aceito em 02 de novembro de 2022.

Publicado em 27 de dezembro de 2022.

1 Perspectivas introdutório-teóricas

A escrita da língua portuguesa por pessoas surdas¹ é vista por muitos sujeitos como errada, inadequada, não sendo considerada como parte de textos, devido às estruturas linguísticas produzidas por essas pessoas não estarem, muitas vezes, de acordo com a norma padrão da língua portuguesa. Mas, o que, de fato, se entende por padrão da língua portuguesa ou, mais particularmente, “o que é ensinar português”?

Segundo Bagno (2015, p. 170 e 171), a compreensão da norma de uma variedade linguística está relacionada com a concepção/compreensão de língua/linguagem que é construída em espaços de usos linguísticos:

Logo de início, convém fazer a pergunta: o que é ensinar português? Que objetivo pretendemos alcançar com nossa prática em sala de aula? A resposta já está dada há muito tempo: “ensinar português” tem que ser, antes de mais nada, ensinar a ler e a escrever. A tarefa da educação linguística é a tarefa do letramento constante e ininterrupto dos alunos (BAGNO, 2015, p. 170).

Nesse sentido, de acordo com Bagno (2007), se a sociedade brasileira, de alguma forma, apresenta uma estrutura socialmente estratificada resultante da compreensão de sujeitos usuários de línguas que não têm os mesmos direitos, o conhecimento de normas, sobretudo para as variedades escritas das línguas, é considerado um meio de ascensão social e, por conseguinte, quem não usa as normas de escrita passa a ser alvo de diferentes formas de estigmatização:

¹ Neste artigo, chamamos de pessoas, indivíduos e sujeitos surdos aquelas e aqueles que se reconhecem como tal e, para tanto, utilizam-se de línguas de sinais, no caso do Brasil a Libras e suas variedades, para existirem em diferentes espaços sociais. Por sua vez, ao nos remetermos a ouvintes, estamos nos referindo a pessoas que não se reconhecem como surdas e, por conseguinte, utilizam-se de línguas oroauditivas em diferentes espaços sociais (VARGAS e SOUZA, 2021).

As pessoas que vivem em sociedades com uma longa tradição escrita, com uma história literária de muitos séculos e um sistema educacional organizado se acostumaram a ter uma ideia de *língua* muito influenciada por todas essas instituições. Para elas, só merece o nome de língua um conjunto muito particular de pronúncias, de palavras e de regras gramaticais que foram cuidadosamente selecionadas para compor o que vamos chamar nesse livro [Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística] aqui de *norma-padrão*, isto é, o modelo de língua “certa”, de “bem falar” que, nessas sociedades, constitui uma espécie de *tesouro nacional*, de *patrimônio cultural*, que assim como as florestas, os rios, a flora, a fauna e os monumentos arquitetônicos, precisaria ser preservado da ruína e da extinção (grifo do autor) (BAGNO, 2007, p. 35).

Se pensarmos a partir da perspectiva de Bagno no excerto anterior, podemos considerar que vários usuários de português em sua modalidade oral e em sua versão escrita, caso de sujeitos surdos, sofrem pressão e exclusão social por serem considerados usuários de português “errado” ou por serem considerados pessoas que não sabem escrever em português.

O ensino de português, em seu viés normativo, não inclui, sob seus meandros, a diversidade de usuários de português que, em seus diversos espaços sociais, se constituem como pessoas, construindo sociabilidades em um jogo de relação, por meio de teias de significados, que, na contemporaneidade, também se constituem pela internet. Essas teias, com suas regras próprias, que se mesclam entre aspectos gramaticais e sociais, podem ser espaços de usos linguísticos por diversos usuários, mesmo que não sejam considerados “bons” usuários de português. Exemplos desses espaços de usos linguísticos são as redes sociais e as variadas plataformas digitais.

Os surdos, assim como indígenas, pessoas pretas, indivíduos LGBTQIA+ etc., que são grupos socialmente minorizados, utilizam a internet para os seus diferentes quereres e, sobretudo, para se conectarem com as

peças e existirem, como seres sociais capazes de se constituírem como sujeitos e estarem no mundo para o modificar e para nele viver. No caso dos surdos e dos indígenas², há implicações sobre os usos do português em sua variedade escrita, devido ao fato de algumas dessas pessoas, no caso dos indígenas, não terem o português como língua materna e, ainda, se basearem em diferentes nuances correspondentes à formação escolar nos processos de alfabetização e de letramento.

Em se tratando de pessoas surdas, assim como pessoas ouvintes, a aprendizagem da escrita ocorre, na grande maioria das vezes, em espaços formais de educação. Devido ao fato de o Brasil ser um país com graves problemas educacionais, que não fornece as mesmas oportunidades educacionais para todos os cidadãos (BAGNO, 2007; FREIRE, 2021), surdos e ouvintes apresentam diferentes conhecimentos relacionados a formas de compreensão de como a escrita se constitui nas suas diferentes realizações sociais.

No que se refere aos surdos, há implicações que, a nosso ver, precisam ser melhor vistas pelos pesquisadores que se debruçam sobre os estudos surdos: o fato de a escrita do português ter uma relação com sons – materialidades de vozes por meio de traços fonatórios e acústicos – que impediria, a princípio, uma compreensão inicial da rede de interações que a escrita, sobretudo de línguas europeias como o português, tem com as oralidades. Nesse sentido, assim como os ouvintes se baseiam na voz (CAGLIARI, 1997; LEMLE, 2007), conhecida por qualquer pessoa ouvinte antes

² Vargas e Souza (2021) discutem a importância de se pensar as diferentes formas de minorização pelas quais sujeitos surdos e indígenas passam promovendo traços de invisibilidades em diversos contextos de usos linguísticos por não produzirem formas legitimadas de português em sua variedade escrita, no caso de surdos, e em variedades orais e escritas no caso de indígenas ouvintes.

mesmo de ir para a escola, muitos surdos não produzem sentidos por meio de sons, o que seria um ponto crítico no momento em que pessoas surdas têm de aprender o português³.

Uma das plataformas digitais utilizadas por surdos, que se configura como um espaço de comunicação por meio de mensagens instantâneas, é o *WhatsApp* que, além de permitir a troca de mensagens escritas, também possibilita o uso de outras linguagens como a produção de vídeos, envio de imagens, uso de figurinhas etc..

Nesse sentido, o *WhatsApp* é um espaço de uso linguístico que se estabelece pelo atravessamento⁴ de diferentes linguagens com intuito de desenvolver sociabilidades⁵ diversas entre os usuários. Em diferentes espaços sociais intermediados pela internet, como no *WhatsApp*, os sujeitos surdos, em sua maioria, assumem posição de pessoas usuárias de mais de uma língua⁶, visto serem usuários de língua de sinais, como primeira língua (L1), e da língua portuguesa, em sua modalidade escrita, como segunda língua (L2)⁷. Dessa maneira, a escrita desses sujeitos, muitas vezes, apresenta

³ Consideramos que é importante observar as características da formação da escrita em relação a pessoas que, por suas produções linguísticas, não têm acesso às materialidades sonoras, exemplificado, nesse íterim, por sujeitos surdos. Embora este texto não tenha a proposta de fazer considerações mais aprofundadas sobre o assunto referente à constituição sociohistórica da escrita, entendemos que a natureza da escrita tradicionalmente conhecida, como afirma Derrida (1971), é fonética. Nesse sentido, é preciso pensar que a escrita, para pessoas surdas, além de ser um elemento social que para ser assumido passa por um longo processo de aprendizagem, apresenta constituintes que não estão relacionados com as vivências de pessoas surdas.

⁴ Chamamos de “atravessamentos linguísticos” os resultados de diferentes formas de sociabilidades constituídas por misturas, hibridismos e diversas possibilidades de inter-relações que resultam em usos linguísticos “atravessados”.

⁵ Optamos pelo termo sociabilidades, ao invés de comunicação, por entendermos que os espaços de usos linguísticos promovem redes de interações entre as pessoas.

⁶ Devido ao fato de o termo “bilinguismo” apresentar algumas problemáticas (v. MAHER, 2007) que não aprofundaremos neste artigo, optamos por não fazer remissão a ele.

⁷ Atualmente, mais particularmente durante a escrita deste texto, há diferentes discussões na área da Linguística e na área da Linguística Aplicada sobre os usos dos termos Língua

características de sua L1, em que é possível perceber, pelo analista ou por um outro usuário em situação de interação, uma combinação entre as línguas, ou seja, a maneira como é feita a sinalização e, por adição, o conhecimento de mundo do usuário que influencia a escrita em português. Isso foi percebido por Góes (1994), ao analisar textos escritos por surdos, no ambiente escolar: “[...] os alunos estariam produzindo uma escrita com alternância e justaposições das duas línguas envolvidas” (GÓES, 1994, p. 48). Além disso, Souza (1998) discute que:

a escrita da pessoa surda reflete, em certa medida, os conhecimentos que possui, ou não, da comunidade ouvinte. Ou, o quanto a escrita tem função em sua vida, ou ainda reflete o próprio processo de alfabetização a que foi submetida (SOUZA, 1998, p. 147).

Para Souza (1998), os surdos não são pessoas que vivem isoladas no mundo e que, por isso, interagem com outras pessoas surdas e com ouvintes também, mesmo que os ouvintes não saibam alguma língua de sinais. Para interagir com os ouvintes por meio da escrita, os surdos têm de transpor para o “papel” conhecimentos socioculturais construídos por pessoas que se constroem no mundo utilizando-se do português oral e do português escrito. Em muitas situações, os surdos têm de promover sociabilidades com ouvintes por meio do português escrito, utilizando-se para tal de diferentes gêneros do discurso (BAKHTIN, 2016) em plataformas de escrita diversas como o próprio papel e as plataformas digitais.

Materna (LM), Primeira Língua (L1) e Segunda Língua (L2) com base em diferentes perspectivas concernentes a problematizações advindas de conceitos referentes a formas de bilinguismos (CORACINI, 2007). Por ora, não entraremos na discussão e, por isso, optamos pelo uso de L1 e L2, tendo em vista as características gerais deste artigo.

Dessa forma, ao aprenderem o português, os surdos mostram especificidades de uso na escrita, não da mesma maneira que ouvintes que têm o português oral como L1 e aprendem a variedade escrita do português, na maioria das vezes, na escola. A forma específica com que os surdos utilizam a língua portuguesa, de uma maneira diferenciada de quem tem o português como L1, é percebida em diferentes situações, particularmente no uso de plataformas digitais que são mecanismos de socialização utilizados por diferentes pessoas, entre elas os sujeitos surdos.

Nas seções seguintes, serão apresentadas algumas análises referentes às formas como sujeitos surdos escolarizados produzem saberes por meio da escrita no aplicativo de mensagens *WhatsApp*, considerando essas formas como exemplos de usos linguísticos em situações de interação que possibilitam a construção de sentidos e formas de existir com o/no mundo.

2 Questões referentes a produções e à análise dos dados

Assim, este artigo tem o objetivo de apresentar análises referentes a quatro textos com seus exemplares⁸ que mostram a escrita de pessoas surdas adultas, que concluíram o Ensino Médio, portanto, escolarizados, e que utilizam o *WhatsApp* para diferentes relações sociais com indivíduos surdos e indivíduos ouvintes.

Os quatro interagentes com os quais obtivemos contato e, por isso, são participantes do estudo que gerou este artigo, têm diferentes relações

⁸ Utilizamos o termo texto para fazer referência aos excertos escolhidos em meio às situações de conversação desenvolvidas pelos interagentes surdos.

sociais com os pesquisadores autores deste texto e são pessoas surdas que desenvolveram formas de atuação social em suas redes de sociabilidades por meio da Libras e por meio da escrita do português em espaços que exigem esse uso. Por isso, consideraremos que os textos, ou, como são popularmente chamados nos usos linguísticos da internet os *posts*, são gêneros do discurso que se configuram em estratos linguístico-sociais de maneira instável, promovendo a inserção dos sujeitos usuários do *WhatsApp* no mundo digital:

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana [...]. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN, 2016, p. 11 e 12).

De acordo com Bakhtin, a linguagem se efetiva, ou melhor se materializa, por meio de enunciados que são as unidades das produções discursivas – os gêneros dos discursos – que atendem às diferentes necessidades dos usuários das línguas.

Como Bakhtin, pelo menos podemos hipotetizar a partir de questões histórico-científicas nas quais o autor estava inserido, não se remete a línguas de sinais. Podemos fazer uma relação entre a abordagem de linguagem e de discurso de Bakhtin para o uso de escrita por pessoas surdas que podem demonstrar relações com a L1 a depender dos traços de aprendizagem da variedade escrita do português, o que não descartaria a

compreensão de produções de escritas de surdos serem entendidas como textos e, portanto, resultados de produções com sentidos e com características específicas. Além disso, os textos produzidos pelos surdos, como os *posts* do *WhatsApp* analisados neste artigo, podem ser considerados gêneros do discurso por serem instáveis e atenderem às necessidades linguístico-sociais de seus usuários.

Com a finalidade de não se publicizar as identidades dos interagentes deste trabalho, cujos exemplos estão expostos neste artigo, colocamos traços pretos para impedir a exposição das características pessoais dos usuários. Além disso, todos os participantes da pesquisa que deram origem a este artigo assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido/TCLE em que foram informados sobre os fins ético-científicos de uso dos dados e a discricção em relação às informações concernentes a dados pessoais. Os textos foram escolhidos dentre uma série de exemplos de conversas tecidas entre os participantes deste trabalho e foram escolhidos a partir dos seguintes critérios:

Textos com assuntos do cotidiano e não necessariamente acadêmicos;

Textos com trechos de uso da escrita que não apresentasse relação com a norma padrão do português;

Textos que apresentam variados traços de sentido e que foram construídos sem qualquer preocupação de alguma ação corretiva.

A partir desses três critérios, escolhemos os textos que serão apresentados e discutidos nas subseções seguintes.

2.1 A escrita de surdos no *WhatsApp*: dados em produção

Nos textos analisados, escolhidos a partir dos três critérios descritos na seção anterior, observa-se, em muitos momentos, uma escrita que não está de acordo com a norma padrão da língua portuguesa, porém a conversa é realizada sem interrupções ou demonstrações de dúvida em relação ao assunto. Compreendemos que isso ocorre devido ao contexto, à comunicação e à familiaridade/proximidade entre as pessoas em interação, o que colabora significativamente para a compreensão das ideias envolvidas e, também, para os usos linguísticos representados pela escrita que são, de alguma forma, conhecidos por todos os usuários, ou seja, os interagentes se reconhecem como produtores de escrita em contextos de uso criados por eles e com uma variedade específica do português própria da situação. Apesar disso, caso alguma dúvida surgisse durante as interações, os interlocutores puderam reelaborar seus enunciados (BAKHTIN, 2016), conforme afirma Goés:

na atividade discursiva, seja oral (gestual) ou escrita, o interlocutor é o sujeito ativo, e os participantes dessa interlocução tendem a dividir o contexto temporal e espacial, reelaborando este discurso. Sendo assim, os sujeitos têm possibilidades de voltar a uma questão anterior e reorganizar os recursos utilizados [...] (GOÉS, 1994, p. 43).

Assim, em uma produção de sentidos por meio de processos de interação, a(s) língua(s)/linguagem(ns) não são vistas pelos usuários, meramente, como um conjunto de regras, mas como formas a serem utilizadas para interação, em contextos específicos de uso. Dessa maneira,

para corroborar essa afirmação e, de alguma forma, tentar trazer questões pontuais sobre a questão, serão apresentados os quatro exemplares de textos oriundos de conversas e, por extensão, as propostas de análise de algumas de suas construções linguístico-sociais, a partir da apresentação de hipóteses da forma escrita que estaria de acordo com o padrão normativo do português.

2.1.1 Exemplares de textos I: as interações se iniciam

Nos exemplares de textos I a seguir, podemos observar o início da interação entre os participantes da conversa. De imediato, é possível destacar o uso de expressões com formas verbais específicas e elementos de interação que se remetem a início de diálogos, cujos temas têm relação com a preparação de uma conversa sobre assuntos advindos de ações a serem desenvolvidas por meio de uma associação de surdos na cidade de Juiz de Fora/MG:

Exemplares de Texto I



Fonte: os autores (2022).

Descrição da imagem: a imagem é composta por um quadro com três colunas, em que há textos produzidos pelos interagentes da pesquisa-base no App de mensagens WhatsApp. Há tarjas pretas sobre os nomes dos participantes do diálogo para impedir a identificação. Na segunda coluna, da esquerda para direita de quem está lendo o texto, há uma imagem referente a um vídeo. As três colunas se complementam, tendo em vista que se trata de um diálogo produzido na variedade escrita da língua portuguesa.

Do diálogo tecido acima, consideramos os seguintes enunciados com as respectivas hipóteses de como se configurariam em português padrão:

(1) **“Se vc quer pode vem minha casa... nós bate papo [...]”**

- Hipótese: Se você quiser pode vir na minha casa... para batermos papo.

- Observa-se: Alteração na **forma verbal** sem marcação das categorias de tempo, aspecto e modo do português e não utilização da preposição “**para**”.

(2) “**Vitor aqui**”

- Hipótese: Vitor está aqui.

- Observa-se: Não utilização do verbo cópula “**estar**”.

(3) “**Arruma roupa**”

- Hipótese: Vou trocar de roupa.

- Observa-se: Uso do verbo “**arrumar**”, utilizado pelos ouvintes de Juiz de Fora com o significado de “trocar de roupa”; não utilização da preposição “**de**”.

(4) “**Sua casa mãe ou vivi?**”

- Hipótese: Está na casa da sua mãe ou na casa da Vivi?

- Observa-se: não utilização do verbo cópula “**estar**” e de preposições como “**de**” e “**em**” e contrações como “**da**” e “**na**”.

(5) “**Acordo agora**”

- Hipótese: Acordei agora.

- Observa-se: Alteração na **forma verbal** sem marcação das categorias de tempo, aspecto e modo do português.

(6) “**Você não posso dormir**”

- Hipótese: Você não pode dormir.

- Alteração na **forma verbal** sem marcação das categorias de tempo, aspecto e modo do português.

Nos exemplos de (1) a (6), constatamos o uso específico de categorias lexicais, como verbos, e de categorias gramaticais/funcionais, como preposições e determinantes, no tocante a possibilidades de formas que se

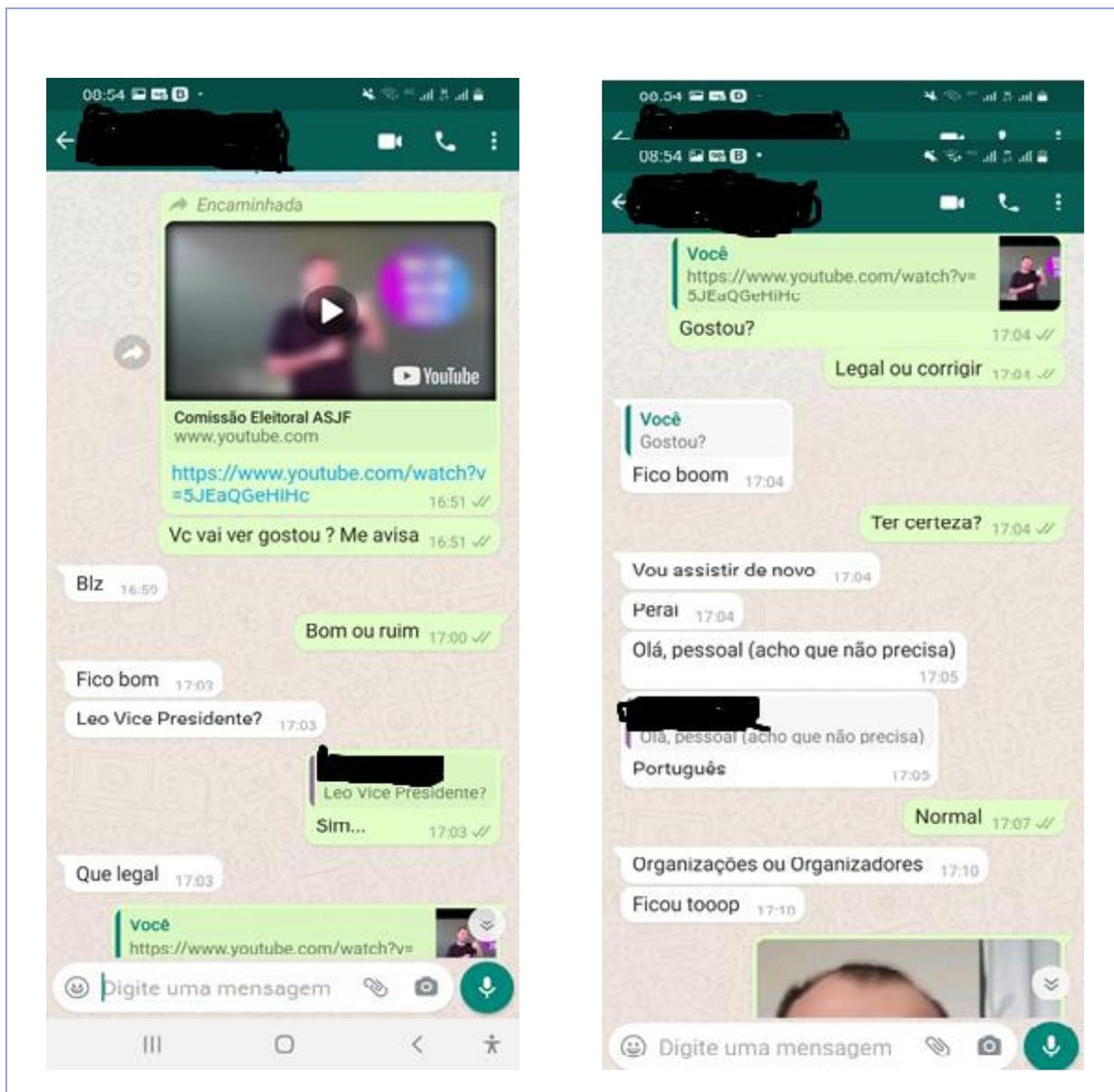
manifestam na escrita dos participantes da interação. Quadros e Karnopp (2004) mostram que categorias lexicais e gramaticais da Libras têm funcionamentos específicos que, em uma perspectiva contrastiva, são diferentes de línguas oroaditivas como o português. Dessa forma, as formas de composição de categorias lexicais e categorias gramaticais/funcionais da Libras podem ser a base de uso do português de usuários surdos da variedade escrita dessa língua, acarretando formas específicas de uso que se relacionam com a L1 desses usuários.

Na subseção 2.1.2 a seguir, descreveremos os exemplares do texto II como mais uma amostra constituinte de usos linguísticos produzidos pelos interagentes.

2.1.2 Exemplares de textos II: desenvolvimento das interações

A partir do início do diálogo tecido nos exemplares de textos I, as formas de interação começam a se modificar nos exemplares de textos II, tendo em vista a entrada de mais pessoas na conversa e os meandros advindos da inserção de um vídeo inserido por um dos interagentes. Os vídeos são recursos utilizados no *WhatsApp* e se relacionam com a escrita, sobretudo se os participantes dos diálogos são surdos ou conhecedores da Libras que, de alguma forma, sentem necessidade de ver a sinalização dos participantes para completar as informações. Neste caso, como todos os participantes da interação são surdos, um dos envolvidos no diálogo, também, devido às características do assunto, sente necessidade de enviar um vídeo para que o tema da conversa se torne mais claro:

Exemplares de Texto II



Fonte: os autores (2022).

Descrição da imagem: a imagem é composta por um quadro com duas colunas, em que há textos produzidos pelos interagentes da pesquisa-base no App de mensagens WhatsApp. Nos nomes dos participantes do diálogo, foram inseridas tarjas pretas para impedir a identificação. Na primeira coluna, da esquerda para a direita de quem está lendo o texto, além de textos escritos, há uma imagem referente a um vídeo. As duas colunas se complementam, tendo em vista que se trata de um diálogo produzido na variedade escrita da língua portuguesa.

Nos exemplares de texto II acima, podemos constatar os seguintes enunciados referentes a usos específicos do português pelos interagentes:

(7) **“Você vai ver gostou?”**

- Hipótese: Você vai ver se gostou?
- Observa-se: Alteração no uso do pronome “**se**”

(8) **“Legal ou corrigir”**

- Hipótese: Está legal ou precisa/necessita corrigir?
- Observa-se: não utilização do verbo cópula “**estar**” e ausência de um verbo para completar a locução verbal com o verbo “**corrigir**”.

(9) **“Ter certeza”**

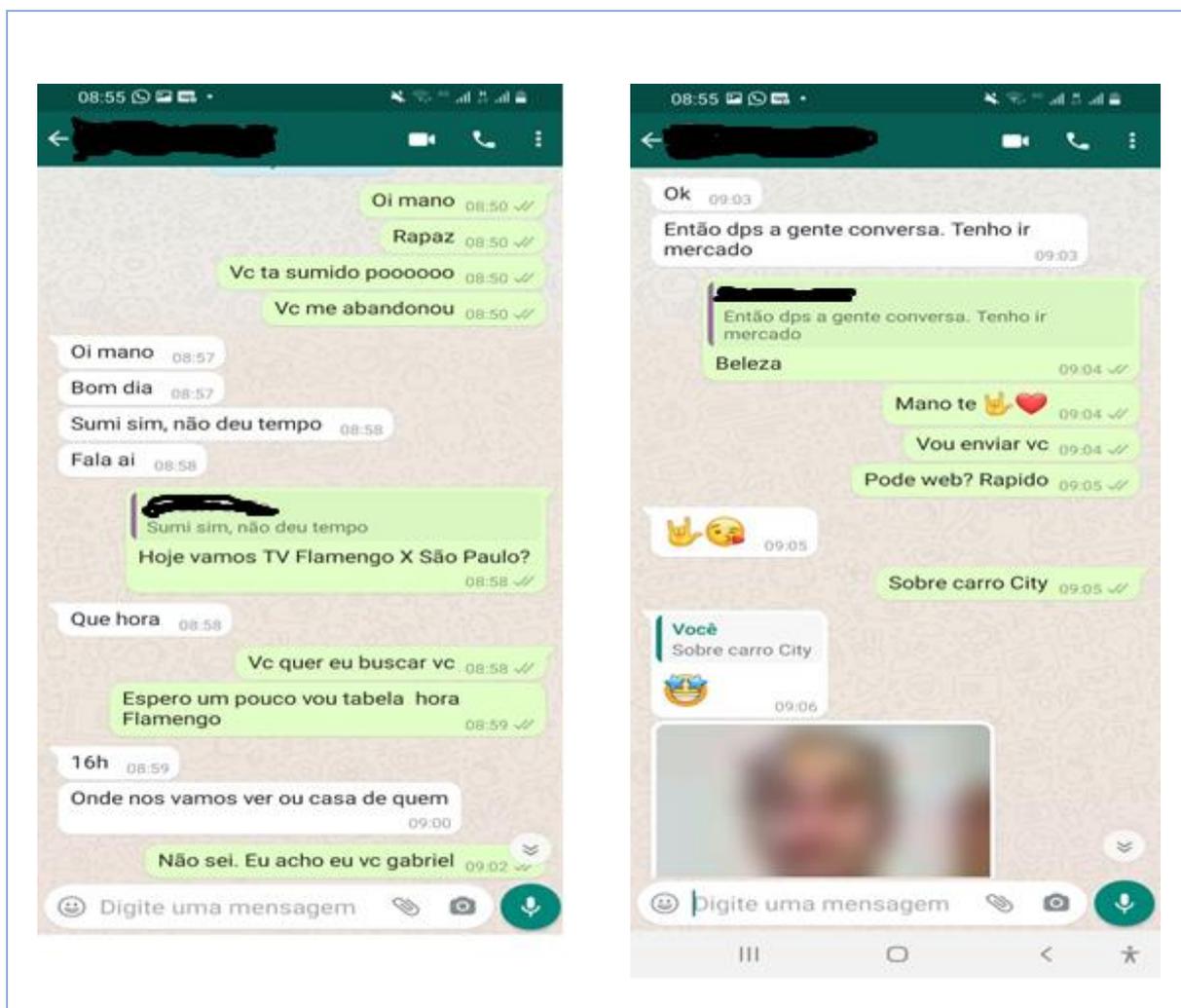
- Hipótese: Tem certeza?
- Observa-se: Uso específico das categorias de tempo, aspecto e modo do português no verbo “**ter**”.

Os enunciados dos exemplares de textos II apresentam características diferenciadas dos dados apresentados na subseção 2.1.1 no tocante às formas dos verbos. Observamos, nesses exemplos, o uso das categorias de tempo, aspecto e modo mais próximos do português escrito padrão no verbo “**gostar**” do exemplo 7. Em relação ao uso de categorias gramaticais/funcionais, permanece-se o não uso do verbo cópula “**estar**” e do pronome “**se**”. Na subseção seguinte, são discutidos alguns exemplos relacionados a um diálogo com um assunto diferente dos expostos nas subseções anteriores.

2.1.3 Exemplos de textos III: as interações continuam...

Diferentemente dos exemplos dos textos I e II, os exemplos de textos III abaixo não têm relação com o assunto “associação de surdos”, constituindo-se em um tema mais relacionado à relação íntima entre dois amigos, como podemos ver a seguir nos enunciados de (10) a (13):

Exemplos de Texto III



Fonte: autores (2022).

Descrição da imagem: a imagem é composta por um quadro com duas colunas, em que há textos produzidos pelos interagentes da pesquisa-base no App de mensagens WhatsApp. Nos nomes dos participantes do diálogo, foram inseridas tarjas pretas para impedir a identificação.

As duas colunas se complementam, tendo em vista que se trata de um diálogo produzido na variedade escrita da língua portuguesa.

(10) ***“Hoje vamos TV Flamengo X São Paulo?”***

- Hipótese: Hoje vamos assistir na TV Flamengo e São Paulo?
- Observa-se: Não utilização do verbo **“assistir”** e da contração em + a **“na”**.

(11) ***“Vc quer eu buscar vc”***

- Hipótese: Você quer que eu te busque? / Você quer que eu vá te buscar?
- Observa-se: Não utilização dos pronomes **“que”** e **“te”** e uso específico na **forma verbal** “buscar”, seja com o uso no infinitivo, não inserindo o verbo auxiliar **“ir”** ou sem utilizar a marcação das categorias de tempo, aspecto e modo de acordo com o que é preconizado no português.

(12) ***“Espero um pouco vou tabela hora Flamengo”***

- Hipótese: Espere um pouco, vou ver na tabela o horário do jogo do Flamengo. / Espere um pouco, vou ver na tabela a hora do jogo do Flamengo
- Observa-se: Uso específico da **forma verbal** do verbo **“esperar”**, não utilização do verbo principal “ver” e não utilização da contração de + o **“do”**.

(13) ***“Tenho ir mercado”***

- Hipótese: Tenho que ir ao mercado. / Tenho que ir no mercado
- Observa-se: não utilização do pronome **“que”** e da contração a + o **“ao”** ou da contração em + o **“no”**.

Nos exemplos de (10) a (13), apesar de os enunciados serem diferentes dos enunciados discutidos nas subseções anteriores, usos específicos de categorias lexicais e categorias gramaticais/funcionais

continuam a ocorrer, mostrando que, apesar da variação de uso de verbos auxiliares, ora ausente como no exemplo (11) **Vc quer eu buscar vc**, ora presente como no exemplo (12) **Espero um pouco vou tabela hora Flamengo**, o que demonstra a necessidade de maiores investigações quanto ao uso de verbos auxiliares em textos escritos por pessoas surdas alfabetizadas e que usam a escrita em diferentes espaços sociais, se configurando em diferentes formas de letramento.

Na subseção 2.1.4, apresentamos os últimos enunciados analisados neste trabalho.

2.1.4 Exemplos de textos IV: por ora, a finalização das interações, pelo menos em nível de análise

Nos exemplos de texto IV a seguir, descrevemos, nos exemplos de (14) a (16) mais alguns exemplos de enunciados se materializando em situações de uso linguístico no *WhatsApp*:

Exemplares de Texto IV



Fonte: autores (2022).

Descrição da imagem: a imagem é composta por um quadro com duas colunas, em que há textos produzidos pelos interagentes da pesquisa-base no App de mensagens WhatsApp. Na primeira coluna, da esquerda para a direita de quem está lendo o texto, há uma imagem de três homens com uma tarja preta sobre as faces para impedir a identificação. Nos nomes dos participantes do diálogo, foram inseridas tarjas pretas para impedir a identificação. As duas colunas se complementam, tendo em vista que se trata de um diálogo produzido na variedade escrita da língua portuguesa.

(14) ***“Vamos nós mês que vem julho visitar lá Rodrigo”***

- Hipótese: Vamos no mês que vem, em julho, visitar o Rodrigo? / Nós vamos no mês que vem visitar o Rodrigo lá?

- Observa-se: Uso do pronome **“nós”** após o verbo, não utilização da contração em + o **“no”** e do **“em”** e uso específico do locativo **“lá”**

(15) ***“Qual Rio ou JF?”***

- Hipótese: No Rio ou em JF (Juiz de Fora)? / Qual cidade, Rio ou JF?

- Observa-se: Supressão da palavra lexical **“cidade”** e da preposição **“em”**.

(16) ***“Eu quero vontade ir”***

- Hipótese: Eu estou com vontade de ir.

- Observa-se: não utilização do verbo cópula **“estar”** e da preposição **“de”**.

No exemplo (14), detectamos o uso específico da ordem verbo + sujeito e do locativo **“lá”** ***“Vamos nós mês que vem julho visitar lá Rodrigo”***. Além disso, em (15) e em (16), respectivamente, ocorre a supressão da preposição **“em”** e **“de”**, supressões regulares nos exemplos discutidos nas subseções anteriores.

2.2 Algumas generalizações e implicações no ensino de português como L2 para surdos

Após a análise dos textos escritos no *WhatsApp* por surdos, foram observadas algumas especificidades em relação à escrita da língua portuguesa. Destacam-se questões concernentes à morfologia da língua portuguesa, como a flexão verbal no que se refere ao uso das categorias de

tempo, aspecto e modo e a supressão de categorias gramaticais/funcionais, tais como: verbo cópula; pronomes e preposições. Algumas dessas particularidades morfológicas em destaque precisam, em trabalhos posteriores, ser mais investigadas, principalmente com base em mais exemplos em diferentes contextos intermediados por diversos gêneros do discurso. Aparentemente, o uso dessas formas linguísticas por surdos tem uma forte relação com a língua materna desses usuários, que é a Libras, contudo, ainda não compreendemos se a interferência da L1 sobre a L2 é o único fator que explicaria a forma de escrita apresentada.

Um ponto fundamental dessa discussão, a nosso ver, é a variação no uso de verbos auxiliares, que, de maneira ainda superficial, pode ser vista como um mero caso de variação. Contudo, essa afirmação precisa ser melhor investigada por meio de um maior número de dados. De qualquer forma, os exemplos descritos nas seções anteriores são um indício de que se faz necessário investigar a variedade escrita do português produzida por surdos para não ser considerada, simplesmente, uma forma errada de produzir textos em português.

Mesmo com poucos exemplos em destaque neste estudo, observamos regularidade quanto ao uso de categorias lexicais e categorias gramaticais/funcionais, o que demonstra um uso efetivo da língua em contextos específicos de produção de escrita, promovendo zonas de sociabilidades por meio formas de relações com os outros (CORACINI, 2007) e por produções escritas consideradas estigmatizadas (BAGNO, 2007).

Dessa forma, propomos, neste artigo, a importância de se analisar as diferentes formas como pessoas que não têm o português como L1 escrevem, sobretudo, neste caso, como pessoas surdas escrevem, tendo em vista que a produção escrita desses sujeitos podem subsidiar a produção de

materiais didáticos e de formas de ensino de português que compreendem as produções escritas dos surdos como textos e que, portanto, são passíveis de análises com foco em diferentes formas de aprendizagens, configurados em diferentes sentidos, em uma perspectiva múltipla como destaca Coracini (2007):

Nesse contexto, urge definir a aprendizagem em geral e de língua em particular, como um processo que se dá no corpo do sujeito constituído na e pela linguagem, sujeito do inconsciente, múltiplo e cindido, incapaz de (auto) controlar os efeitos de sentido de seu dizer e, portanto, incapaz de controlar os restos do que digere (apre(e)nde), restos, resíduos que passam pelo corpo e se fazem sangue, corpo e texto (inscrição e escritura). E é só quando esse processo de digestão acontece, quando o outro é (in)corporado, 'fagocitado', que é possível falar, efetivamente, de aprendizagem. Tal visão nos torna mais questionadores diante das dificuldades ou facilidades dos alunos e de nossas próprias reações, aliviando, sem descomprometer, a tarefa de ensinar e aprender, atravessada pelo acaso ou, pelo menos, pelo inexplicável (CORACINI, 2007, p. 11).

A partir do excerto de Coracini, destacamos a possibilidade de se (re)pensar formas de ensino de textos para surdos de maneira que contemplem a compreensão desses indivíduos como plurais e que, por isso, necessitam usar as suas formas de conhecimentos em diferentes espaços sociais, também, por meio da escrita. Os enunciados analisados ao longo deste artigo nos remetem à questão de seus produtores serem pessoas inseridas em diferentes espaços sociais e com uma grande diversidade de saberes, atravessadas por línguas e que, portanto, utilizam-se de conhecimentos específicos para o uso do português em espaços de escrita.

Nesse sentido, apesar das peculiaridades quanto ao uso do português, pode-se afirmar que a interação entre os interlocutores ocorreu de forma efetiva, pois, conforme Koch:

Na atividade de produção textual, aspectos sociais, individuais, elementos de alteridade e subjetividades, além de traços cognitivo/discursivo coexistem e condicionam-se mutuamente, sendo responsáveis, em seu conjunto, pela ação dos sujeitos empenhados nos jogos de atuação comunicativa ou sócio - interativa (KOCH, 1997, p. 20).

Verifica-se, nos exemplos elencados ao longo deste artigo a função social da linguagem, em que gramática e uso se inter-relacionam para se chegar às finalidades de interação dos usuários das línguas, no caso, da variedade de português escrito por pessoas surdas. Dessa forma, a compreensão de textos escritos por surdos ocorre, pois há um contexto que colabora para seu entendimento.

2.3 Considerações finais

A escrita das pessoas surdas vem sendo alvo de muitas críticas e, por isso, faz-se necessário ampliar os estudos sobre variedades não prestigiadas de escrita em múltiplos espaços de usos linguísticos.

Muitos leitores, ao se depararem com os textos escritos por surdos, assim como textos produzidos por ouvintes considerados não alfabetizados ou pouco alfabetizados ou não letrados, rotulam como textos errados e sem sentido. Entretanto, conforme pudemos observar nos exemplos das seções e subseções anteriores, embora em número pequeno de dados, as formas de sentidos de textos não se dão, somente, por meio de formas gramaticais isoladas e, sim, por meio da relação que os sujeitos fazem entre formas sistemáticas de uso linguístico e as diferentes sociabilidades desenvolvidas pelos sujeitos.

Os textos dos surdos, pelo menos em relação aos enunciados discutidos ao longo das seções e subseções deste trabalho, podem ser considerados coerentes, no sentido de que se efetivam na construção de sociabilidades. Esses enunciados, portanto, têm sentido para seus interlocutores, mesmo sendo textos com peculiaridades linguísticas e que, muitas vezes, possuem formas outras que não têm relação com as estruturas prestigiadas de escrita do português.

A produção escrita dos surdos, pelo menos os elencados neste artigo, possuem significado, havendo sentidos produzidos pelos interagentes. O estudo aqui exposto mostra, em nível preliminar, mas que suscita reflexão, a importância de se discutir como diferentes formas de coesão textual são desenvolvidas por usuários, mesmo que não usem formas linguísticas socialmente prestigiadas e que, além disso, questões que envolvem a própria natureza da escrita precisam ser investigadas, sobretudo, para se ampliar a compreensão de como a escrita é “fagocitada” (CORACINI, 2007) por pessoas surdas, o que poderia, de certa maneira, auxiliar o ensino de português como L2 a esse público.

Referências

- BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.
- BAGNO, M. **Preconceito linguístico**. São Paulo: Parábola, 2015.
- BAKHTIN, M. **Gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.
- CAGLIARI, L. C. **Linguística e Alfabetização**. São Paulo: Scipione, 1997.

CORACINI, M. J. **A celebração do outro Arquivo, Memória e Identidade:** línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

DERRIDA, J. **Escrita e diferença.** São Paulo: Perspectiva, 1971.

FREIRE, P. **Alfabetização:** leitura do mundo, leitura da palavra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GÓES, M. C. R. **A linguagem escrita de alunos surdos e a comunicação bimodal.** Tese de Livre Docência. Campinas: FE/UNICAMP, 1994.

KOCH, I. G. V. **O texto e a construção de sentidos.** São Paulo: Contexto, 1997.

LEMLE, M. **Guia teórico do alfabetizador.** 17 ed. São Paulo: Ática, 2007.

MAHER, T. J. M. Do casulo ao movimento: a suspensão das certezas na educação bilíngue intercultural. In: CAVALCANTI, M. C.; BORTONI-RICARDO, S. M (Org.). **Transculturalidade, Linguagem e Educação.** Campinas: Mercado das Letras, 2007.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. **Língua de sinais brasileira:** estudos linguísticos. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

SOUZA, R. M. **Que Palavra que te Falta, Linguística, educação e surdez.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VARGAS, V. G. L.; SOUZA, S. L. O (des)pertencimento dos sujeitos surdos no ambiente escolar “ouvinte”: identidades, discursos de minorização e resistências. **South American Journal of Basic Education, Technical and Technological**, v. 8, n. 2, p. 889–903, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/SAJEBTT/article/view/4018>. Acesso em: 09 agosto de 2022.

Publisher

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. CURSOS DE LETRAS: LIBRAS E DE LETRAS: TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO EM LIBRAS/PORTUGUÊS DA FACULDADE DE LETRAS/UFG. PUBLICAÇÃO NO



Textos escritos por surdos em mensagens no aplicativo WhatsApp: organização de sentidos e perspectivas de ensino de português escrito como segunda língua
Lucas Vargas Machado da Costa • Vivian Gonçalves Louro Vargas • Shelton Lima de Souza

PORTAL DE PERIÓDICOS UFG. AS IDEIAS EXPRESSADAS NESTE ARTIGO SÃO DE RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES, NÃO REPRESENTANDO, NECESSARIAMENTE, A OPINIÃO DOS EDITORES OU DA UNIVERSIDADE.